

ÉTICA E FÉ: UMA NOVA PERCEPÇÃO ACERCA DA VIDA DE JOSÉ NO EGITO

Dr. Érico Tadeu Xavier¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma nova percepção acerca da vida de José no Egito. Através de uma pesquisa bibliográfica e com o objetivo de analisar como ele se relacionou com o sucesso, fama e riqueza alcançados, sem deixar de viver uma vida ética, tendo firme convicção de sua fé. A análise do caráter de José demonstra que ele possuía algumas características que podem servir de exemplo aos cristãos de hoje, como responsabilidade, trabalho diligente, ética pessoal e profissional, respeito e obediência aos pais e a Deus, integridade e moral elevada. Sua postura ética se baseou no temor a Deus e seu caráter puro e íntegro em qualquer situação ou condição foi responsável pela sua prosperidade. Por seu caráter exemplar perante Deus e perante os homens, José é considerado um tipo de Cristo, pois mostrou em sua vida o mesmo caráter exigido de um filho de Deus. O relacionamento de José com o sucesso, a fama, a riqueza e a política oferece lições que podem auxiliar o cristão a aprender a viver uma vida ética e íntegra perante Deus e a sociedade. Em nosso tempo, Jesus requer homens de fé, cuja integridade não se abale e possam assumir posições importantes no Reino de Deus.

Palavras-chave: José, caráter, cristianismo.

ABSTRACT

This article presents a new perception about Joseph's life in Egypt, with the aim of analyzing how he related to the success, fame and wealth achieved while living an ethical life with a firm belief in his faith. The analysis of Joseph's character shows that he had some characteristics that can serve as an example to Christians today, such as responsibility, diligent work, personal and professional ethics, respect and obedience to parents and to God, integrity and high morals. His ethical stance was based on the fear of God and his pure and upright character in any situation or condition was responsible for his prosperity. For his exemplary character before God and before men, Joseph is considered a type of Christ, because he showed in his life the same character required of a son of God. José's relationship with success, fame, wealth, politics, offers lessons that can help the Christian to learn to live an ethical and integral life before God and society. In our time, Jesus requires men of faith, whose integrity is not compromised and can assume important positions in the Kingdom of God.

Keywords: Joseph, character, Cristianity.

¹ Doutor em Teologia e professor no Seminário Latino-Americano de Teologia, Ivatuba, PR. e-mail: etxacademico@gmail.com

INTRODUÇÃO

A busca pelo sucesso tem levado muitos a pensarem que, para alcançar a fama, a riqueza, o *status* e o poder, quaisquer meios são possíveis e, para isso, valores éticos e princípios são deixados de lado em prol de obter o desejo pessoal. Isso é perceptível não apenas entre os que não são cristãos, mas também entre os que professam seguir a Jesus Cristo.

Atualmente, a corrupção e a falta de moralidade atingem a sociedade de modo alarmante, sendo mais visível no meio político, entre as autoridades e nos governos. Em meio a tantas denúncias de corrupção de líderes políticos que agem contra o bom senso, a moral e a ética, buscando favorecer a própria ganância e ambição, bem como a de grupos específicos, a igreja cristã não escapa à realidade de homens que fazem uso de sua posição religiosa para enriquecer ou obter poder à custa de práticas imorais e antiéticas.

Nesse sentido, este artigo apresenta uma nova percepção acerca da vida de José no Egito, com o objetivo de analisar como ele se relacionou com o sucesso, fama e riqueza alcançados, sem deixar de viver uma vida ética, tendo firme convicção de sua fé.

1 A VIDA E O CARÁTER DE JOSÉ

A vida de José é relatada no livro de Gênesis, que apresenta o seu nascimento (Gn 30: 22-24) e passa a destacar aspectos de sua vida a partir da juventude, quando tem início sua separação forçada da família e ida ao Egito.

José (em hebraico *Yôseph*, que significa “que Ele [Deus] adicione)”) era o penúltimo de doze irmãos, tendo como pai a Jacó, mas era o primeiro filho de Raquel, a qual faleceu alguns anos depois ao dar à luz a seu irmão Benjamin. Aos dezessete anos, José se destacava entre seus irmãos devido a alguns fatores característicos: contava ao pai o que seus irmãos faziam de errado (Gn 37:2); seu pai o amava mais do que aos demais, por ser filho de sua velhice, e demonstrava isso dando-lhe presentes especiais (Gn 37:3); começou a ter sonhos que indicavam superioridade sobre os irmãos (Gn 37:5-10). Isso tudo causava revolta e

inveja nos irmãos de José gerando discórdia entre eles. Contudo, José era obediente ao seu pai e pronto a auxiliar a seus irmãos.

Deveras, assevera Fábio (1977, Esb. 40): “a preferência de seu pai gerou ciúme e ódio nos seus irmãos, que planejaram matá-lo”. A intervenção de Rúben impediu que os irmãos lhe tirassem a vida, mas não conseguiu impedir sua venda como escravo a comerciantes que passavam pela região em viagem ao Egito. A túnica de José, tingida em sangue de cabrito, foi apresentada ao pai, que entendeu ter sido José morto por um animal no campo e, assim, os irmãos esconderam a verdade de Jacó, enquanto se iniciava uma nova vida para José.

Assim, passou José, de filho amado, cercado de cuidados e de conforto, em total segurança, para uma cisterna fria, escura, em expectativa de morte, e desta à escravidão. Contudo, Deus não o havia desamparado. Foi vendido a Potifar, capitão da guarda de Faraó, que tinha por ele grande apreço e, embora tivesse que servi-lo, José o fazia sem reclamar, certo de que Deus estava ao seu lado, pois, diante da prova do exílio, ele se entregara completamente ao Senhor, e se dispusera a mostrar-se fiel a Deus agindo, em qualquer circunstância, como convém a um súdito do Reino do Céu.

Sua decisão foi notória aos olhos de Potifar que percebeu que tudo o que José fazia prosperava, colocando-o, por isso, como governante de sua casa e de tudo o que tinha. “E aconteceu que, desde que o pusera sobre a sua casa, e sobre tudo o que tinha, o Senhor abençoou a casa do egípcio por amor de José; e a bênção do Senhor foi sobre tudo o que tinha, na casa e no campo” (Gn 39:5).

Essa condição abriu grandes vantagens para José, permitindo que entrasse em contato com homens de posição e saber e obtivesse educação necessária para o futuro ainda a ele desconhecido, aprendendo ciências, línguas e negócios. Contudo, a fé e a integridade de José deveriam ser provadas e ele foi tentado a trair seu senhor através da sua sedutora esposa. Sua fé em Deus, agora, entrou em ação. Mesmo ciente de que perderia todos os seus benefícios, permaneceu fiel aos princípios religiosos aprendidos com seu pai. Seu primeiro pensamento foi que estaria pecando contra Deus, não apenas contra seu senhor e, assim, fugiu da tentação.

Apesar de a família de Jacó não ter sido um exemplo de integridade (Jacó teve várias mulheres, havia muita discussão, inveja, brigas, imoralidades), José demonstrava qualidades que o distinguiam dos demais, como gentileza, fidelidade

e veracidade, as quais se manifestavam em sua vida diária. Ligado mais intimamente com o pai, escutava-lhe as instruções e apreciava obedecer a Deus.

Foram essas mesmas qualidades que o distinguiram no Egito. Porém, mesmo ao fiel cristão, as provas sobrevêm e Satanás prepara seus ardis. Por isso Cristo adverte: “Não temas as cousas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova [...] Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2:10).

Acusado de traição e adultério, José foi mandado à prisão, sofrendo pela sua integridade, mas tendo, no entanto, a vida preservada. Novamente a graça de Deus se manifestou e o carcereiro reconheceu as qualidades de José, deixando-o responsável pelos demais presos e pelo cuidado do cárcere. E tudo que José fazia prosperava.

A interpretação dos sonhos dos dois eunucos do rei, com as posteriores realizações, mostrou que Deus estava com José. Porém, ainda levou dois anos para que o copeiro do rei se lembrasse de José. O sonho do Faraó perturbou-lhe o espírito e não tendo quem lhe desse a interpretação, o copeiro lembrou-se de José e o fez saber a Faraó que o trouxe então para que lhe interpretasse o sonho. A interpretação razoável e coerente, e a política recomendada por José a Faraó era tão sólida e sagaz que Faraó percebeu em José um homem apto a ser indicado à função de colocar em prática as sugestões, colocando então José na posição imediatamente abaixo da sua: “Pois que Deus te fez saber tudo isto, ninguém há tão entendido e sábio como tu. Tu estarás sobre a minha casa, e por tua boca se governará todo o meu povo; somente no trono eu serei maior que tu” (Gn 41:39-40).

Assim foi elevado José do calabouço a governador de todo o Egito, após ter passado 17 anos no Egito (já contava, então, com 30 anos, conforme Fábio, 1977). E pela providência divina, todas as demais regiões ao redor do Egito foram beneficiadas quando a seca e a fome chegaram, nos anos posteriores, incluindo a própria família de José. Tendo a oportunidade de rever a seus irmãos, que fugiam da fome em Canaã, testou os irmãos para ver se haviam mudado, se haviam se arrependido de seus atos pecaminosos e, já tendo aprendido que Deus o havia encaminhado antecipadamente à situação ora vivenciada, José perdoou a seus irmãos e os recebeu, tornando-se o redentor do povo de Israel num momento de grande necessidade. Como governador do Egito, deu o melhor de si como político

e administrador, tendo sempre em mente o benefício da nação e assim Deus o abençoou em tudo que fez (Gn 47:12; 14; 20; 26).

2. A ÉTICA NO CARÁTER DE JOSÉ

Ética pode ser definida como: um “conjunto de valores e princípios morais que orientam a existência e conduta de uma pessoa” (BARSA, 2007, p. 2355).

Ao analisar a vida de José percebem-se algumas características interessantes presentes no seu caráter que demonstram que o mesmo procurou viver de forma ética e responsável, tanto para consigo mesmo, quanto para com os demais. Essa ética, no entanto, não surgiu por acaso, foi sendo construída ao mesmo tempo em que José escolhia os caminhos que tomaria diante das circunstâncias a ele apresentadas.

Desde pequeno, José se mostrou obediente, íntegro, confiável, trabalhador, mas não em todos os aspectos. Pelo relato de Gênesis 37:2, José apascentava as ovelhas, juntamente com seus irmãos, mas tinha mais contato com Jacó do que os demais, trazendo notícias destes ao pai, notícias essas que a Bíblia chama de “má fama”, ou seja, ele não falava bem de seus irmãos, contava ao pai tudo o que os irmãos faziam de errado. Isso, aliado ao fato de que Jacó o preferia e lhe dava presentes diferenciados, causou dissensões entre eles. Quando José teve os sonhos insinuando que os irmãos se curvariavam perante ele, o fez com arrogância, tanto que foi repreendido pelo pai, trazendo a inveja dos irmãos sobre si.

Na perspectiva acima, José vivia num ambiente que estava moldando seu caráter, cuja moral não era das mais elevadas. Contudo, tinha a seu favor a companhia do pai, Jacó, que o orientava no caminho de Deus, provavelmente com maior atenção que para com os demais filhos, já que a Bíblia relata que o amava mais que aos seus irmãos (Gn 37:3). Pela repetição de hábitos de obediência, labor, responsabilidade, José foi moldando seu caráter. Porém, hábitos maus também estavam presentes, como o de levar notícias más dos irmãos ao pai (ARANHA; MARTINS, 2005).

Essas falhas no caráter de José precisavam ser buriladas. Deus tinha um propósito para com ele, mas para isso, ele precisava ter o caráter reto. Muitos que

apresentam grandes qualidades possuem ainda um caráter distorcido, que precisa ser entregue aos cuidados do Espírito Santo, para que Deus trabalhe onde precisa ser melhorado.

As desventuras na vida de José serviram-lhe como oportunidades para reforçar o caráter. Vendo que o futuro lhe era incerto, José compreendeu que precisava manter uma moral mais elevada, amadurecer o espírito. Com a firme convicção de se manter fiel aos princípios religiosos aprendidos com seu pai, José buscou em Deus o auxílio necessário para retirar das dificuldades o ânimo para viver e vencer. Isso não ocorreu, porém, sem grandes abnegações de sua parte, principalmente em relação ao seu próprio egoísmo. Até chegar ao sucesso como governador do Egito, sua vida foi marcada por humilhações, perigos, tentações e injustiças. Mas isso fortaleceu seu caráter, ao invés de desanimá-lo. Tal como o ouro refinado pelo fogo, o caráter de José foi manifesto em suas obras, ao longo de sua vida, porque entregou sua vida nas mãos do Deus de Israel (I Co 3:12-13).

Convém destacar que o processo de elevar a moral é “demorado e difícil, e requer superação de características infantis e o amadurecimento pessoal que conduza o indivíduo a exercer sua liberdade de maneira autônoma e responsável” (PANICIO JUNIOR, 2013, p. 39).

Caesar (2014, p. 19) comenta que “devemos evitar fazer profecias de julgamento sobre as tragédias como castigo divino. Nossa função é ficar do lado de Deus, do lado da restauração e da preservação da vida (Jo 10:10)”.

Embora seja visto por muitos como um símbolo de uma vida abençoada e próspera, o fato é que José aprendeu a transformar suas tragédias em bênçãos, colocando-se, desde o início, em obediência à vontade de Deus. Na sua vida a presença de Deus, Sua graça e Seu livramento são perceptíveis em todos os momentos: em casa, pois apesar de viver em uma família bastante difícil, tinha o amor do pai e a sua proteção (Gn 37:3); na cisterna, quando ficou livre de morrer pelas mãos dos irmãos por intervenção de Rúben (Gn 37:20-22); no Egito, ao ser comprado pelo capitão de Faraó e se tornar seu mordomo (Gn 39:1-4); na prisão, recebendo autoridade sobre os demais presos e demonstrando amor e compaixão para todos (Gn 39:20-23); como governador do Egito, após interpretar os sonhos de Faraó e receber autoridade sobre todo o Egito (Gn 41:39-43); como homem de Deus, mostrando-se íntegro e fiel desde o início até o fim de sua vida.

Desse modo, ele se propôs a ser obediente aos mandamentos de Deus, e a conservar puro o seu coração, com temor. Essa atitude é percebida claramente quando ocorre o assédio da mulher de Potifar. Ao recusar o convite da tentação, José não considera o ato apenas uma traição ao seu senhor, mas um pecado, um mal que atingiria ao próprio Deus (Gn 39:9).

Segundo Tiss (2002), José tinha a completa noção de que suas ações eram vistas e percebidas por Deus, e que deveria se resguardar de pecar contra o Senhor:

Na atitude de “temor a Deus” (42.18), ele procurava realizar a vontade de Deus, conforme a conheceu da sua tradição religiosa. O modo como esta atitude de temor a Deus determinou as ações e reações concretas de José levou as pessoas envolvidas a interpretarem que ele era abençoado por Deus em tudo o que fazia, ou seja, que “o Senhor estava com ele”. Pela atitude de temor a Deus, José estava disposto a realizar a vontade de Deus, e, assim, Deus realizou a sua vontade concreta para este momento histórico através dele: “manter viva muita gente” (50.20), tanto hebreus como não-hebreus. Desta forma, nada do que aconteceu foi surpresa para José, pois, como conhecia a própria tradição, deve ter sabido que Deus tinha dito a Abraão: “por meio de você, eu abençoarei todos os povos do mundo” (Gn 12.3). (TISS, 2002, p. 83).

A integridade do caráter de José passou pelas mais diferentes provas, mas foi quando ele alcançou um grande poder que sua ética e integridade mais ficaram salientes. Como político, economista e responsável por todo o Egito, José foi ainda mais submisso ao plano divino. O poder não lhe subiu à cabeça por ter galgado tão alto posto em tão curto prazo. Não se ufanou seu orgulho por ter passado de escravo a segundo em comando no Egito. Nem tampouco usou de sua autoridade para abusar do povo, procurando, com justiça, repartir os mantimentos tão sofregamente providos pela benignidade divina. Ao distribuir os grãos armazenados, não privilegiou os ricos ou os que exerciam cargos importantes, nem reteve a colheita para o povo egípcio, mas procurou auxiliar a todos de forma equitativa. Não buscou enriquecimento próprio, mas o benefício da nação, do governante oficial (Gn 47:13-26).

Houve um outro momento em que o ministro José agiu diferentemente do esperado pela população: não tendo mais com o que pagar os cereais, os próprios egípcios se propuseram a sujeitar-se ao faraó como seus escravos, passando a posse das suas terras a ele. Parece que José estava disposto a aceitar esta proposta. Porém, a relação que de fato se criou [...] não foi a de escravidão, mas de servidão num absolutismo econômico estatal, com a obrigação de entregar um imposto de 20% da colheita. Sob a ótica da Antiguidade, era um peso relativamente leve, garantindo sobrevivência e recuperação da população agrícola. José respeitou a vida e o direito da população como um todo, mas também fora do palco político respeitou a vida privada dos indivíduos, nunca pensando

em deixar de lado os seus princípios por estar lidando com estrangeiros (TISS, 2002, p. 85).

E quando chegou o momento de se confrontar com seus irmãos, não buscou vingança, mesmo podendo usar de sua autoridade, mas perdoou e auxiliou a seus irmãos e honrou a seu pai, permitindo assim a continuidade do povo de Israel (Gn 47:27). José entendeu que o que estava ocorrendo era plano divino, e que mesmo o mal praticado por seus irmãos contra ele fazia parte desse plano, para a salvação de todos. Assim, submeteu-se à vontade divina, compreendendo que ele mesmo era um instrumento nas mãos de Deus para a salvação do povo eleito. Acerca disso escreveu o salmista Davi: “Mandou perante eles um varão, que foi vendido por escravo, José [...]; a palavra do Senhor o provou. Mandou o rei, e o fez soltar; [...] fê-lo senhor da sua casa, e governador de toda a sua fazenda. [...] Então Israel entrou no Egito, e Jacó peregrinou na terra de Cã” (Sl 105:17; 19-21; 23).

A postura ética de José tem sua justificativa em um único fator: o seu temor a Deus, que em nenhum momento foi negado ou suprimido. “Nem quando tratava de questões sociais ou profissionais, nem em momentos de questões espirituais: [...] José sempre salientava que era Deus que lhe dava esta capacidade” (TISS, 2002, p. 86).

Um dos fatores que tornaram José um homem íntegro e com valores éticos foi a laboriosidade. Desde pequeno, José aprendeu a importância e o valor do trabalho. Por isso, na casa de Potifar, este percebeu que tudo em sua mão prosperava e aumentou suas responsabilidades e autoridade, e José recebeu a incumbência de cuidar de tudo que o seu senhor possuía.

A prosperidade de José não advinha da ociosidade. O trabalho diligente e responsável é que permitiu que Deus o abençoasse em tudo. E em seu trabalho José manteve sempre a postura ética que convém a um servo de Deus.

Percebe-se, portanto, que José não foi apenas um homem ético, mas um servo de Deus ético. Embora vivendo em um local onde imperava a idolatria, José teve uma postura ética com seu patrão e procurou, acima de tudo, manter seus princípios religiosos. Isso porque sua ética estava baseada na confiança e no respeito a Deus. Apesar de o ser humano ser, por si só, corrupto, José decidiu se manter fiel a seus princípios e valores.

3. LIÇÕES DA VIDA DE JOSÉ PARA OS CRISTÃOS DA ATUALIDADE

Atualmente, tornou-se comum quase cotidianamente serem noticiados os envolvimento de políticos e líderes da sociedade em escândalos econômicos e corrupções das mais diversas ordens. Muitas dessas notícias envolvem grandes autoridades, líderes de grandes empresas, e entre eles, muitos que se dizem cristãos, que envolvem o nome de Deus em suas artimanhas desonrando a Cristo e ao cristianismo.

A corrupção e a falta de ética são motivos de escândalo entre os homens, mais ainda quando os envolvidos são líderes religiosos, homens que afirmam se conduzir segundo a vontade de Deus. O amor ao dinheiro, ao status e ao poder testam o cristão e muitos fracassam por deixar que seus próprios interesses sobressaiam sobre os interesses de Cristo. Temos muito que aprender com José na formação de um caráter puro e íntegro.

3.1 Obediência

Desde a sua meninice, salienta-se a obediência de José a Jacó, e sua submissão e laboriosidade (Gn 37:2-3; 13-14). O respeito e amor que tinha para com o pai era recíproco e em tudo José procurava agradar ao pai. Desse modo, apesar dos problemas morais que se infiltraram na família de Jacó, este pôde imprimir no espírito de José princípios mais elevados, o que resultou em um caráter mais firme do que de seus irmãos.

A obediência e o respeito para com o pai determinaram o respeito e a fidelidade a Deus, tornando-o temente a Deus (Gn 42:18) desenvolvendo esse temor em seu caráter. Para Tiss (2002, p. 87): “a pessoa temente a Deus [...] respeita as assim consideradas manifestações divinas, [...] porque é aí que seu temor a Deus está fundamentado, geralmente desde a infância”.

3.2 Temor a Deus

Conforme o sábio Salomão “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 9:10). A sabedoria demonstrada por José ao se manter fiel aos seus princípios, entregando-se a Deus antes de tudo, procurando dar o melhor de si em tudo que fizesse, tem como base o temor a Deus. Ao ser vendido como escravo, José perdeu o contato com seu pai, com seu ambiente religioso, com sua cultura, mas

manteve dentro de si a firme convicção de que pertencia a Deus, e que somente uma entrega verdadeira ao Deus de Israel o manteria vivo e livre do mal. E Deus, agindo em seu favor, providenciou para que ele pudesse viver em um ambiente mais adequado ao Seu propósito, a casa de Potifar. Enquanto vivemos tementes a Deus, Ele nos protegerá tanto no sentido social quanto espiritual.

A provação da integridade de José, por meio da mulher de Potifar, mostra que José não se deixou levar pelas facilidades à sua volta, mas manteve o temor de Deus, obedecendo a Deus, preferindo sofrer a pecar contra o Senhor (Gn 39:9;20). Ao tomar essa atitude, José demonstrou que, antes de tudo, sua moral e sua ética estavam firmados na Lei de Deus, que mesmo antes de ter sido dada a Moisés, muitos anos depois, já preenchia o coração do ser humano temente a Deus. Nesse sentido, José antecipou as palavras de Paulo, em I Coríntios 6:12: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convém. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”. Não importando as consequências, José não se deixou levar pelas oportunidades de pecar, mas pelo temor ao Senhor a quem reconhecia antes de tudo.

Assim, embora preso, José foi abençoado por Deus na carceragem, fazendo prosperar tudo o que ele fazia. E foi na prisão que Deus manifestou Seu poder em José, dando-lhe o dom de interpretar sonhos, o que abriu o caminho para a liberdade e a ascensão como governador do Egito.

O temor a Deus nos impele a realizar a Sua vontade, mesmo em condições extremas. E esse mesmo temor faz com que o cristão tenha em mente a preservação dos direitos dos outros, realizando pelo próximo o que for necessário para seu auxílio. Em José, o temor a Deus resultou na garantia dos direitos humanos básicos tanto para o seu povo, como para os egípcios, estrangeiros e mesmo potenciais inimigos. Quando somos tementes a Deus, Ele “consegue realizar suas missões por nós [...] na dupla dimensão espiritual e social” (TISS, 2002, p. 84).

Assim como José, é necessário se colocar na mão de Deus em obediência e temor, para que possamos receber a fé necessária para vencer todas as provas e tentações que nos sobrevém. Precisamos entender que, “o tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome – fé que não desfaleça ainda que severamente provada” (TISS, 2002, p. 84).

3.3 Integridade

Embora tenha convivido em uma cultura completamente alheia à sua, a integridade de José jamais foi abalada. Por questões de sobrevivência e adaptação, ele se integrou na cultura egípcia, usando seus trajes, hábitos, mas sem corromper seu compromisso ético-religioso. Mesmo quando assumiu cargos de chefia em nível privado (na casa de Potifar) e estatal (naarceragem e na governança do Egito), ele se vestiu com as roupas adequadas aos cargos, usou os símbolos típicos desses cargos, aceitou o nome egípcio dado por Faraó próprio ao usuário do cargo (correspondente a uma divindade, *Zafenate Panéia*, que significa “Deus fala e está vivo”), aceitou o casamento com Asenate, filha do mais alto sacerdote do Templo do Sol e, após sua morte, foi mumificado segundo os costumes egípcios para os poderosos (honra também conferida a Jacó, seu pai). Contudo, apesar de tudo isso, ele não teve uma abertura cultural acrítica, pois não desprezou a própria tradição e religião, conforme esclarece Tiss (2002, p. 87): “embora José tenha estado tão aculturado, ao chegarem todos os seus parentes, ele fez de tudo para que estes ficassem distantes dos egípcios, para poderem dar continuidade aos seus hábitos de nômades”.

A integridade e justiça de José foram provadas ao se encontrar com seus irmãos, que de maneira vil o haviam vendido como escravo aos ismaelitas. Contudo, ao invés de se vingar, ele procedeu de forma diversa da esperada, recebendo-os, provando-os, auxiliando-os e perdoando-os. Percebe-se, assim, que o caráter de José foi construído numa base firme, de total entrega a Deus, pois quando teve a chance de revidar o mal feito, já havia compreendido que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28), e que até mesmo o fato ocorrido anos antes havia contribuído para que Deus salvasse a todos.

Muitos, ao serem tentados, fazem escolhas que ferem princípios morais e éticos, esquecendo que estão sob o olhar examinador de Deus, que é a fonte dos princípios morais. José revelou o poder do princípio religioso incutido desde os primeiros anos. Ao ser tentado a ceder em sua integridade e fidelidade, o primeiro pensamento foi de que não pecaria contra Deus (Gn 39:9). Por seu exemplo aprendemos que, quando se tem um caráter puro e íntegro, é possível continuar à disposição de Deus mesmo nas circunstâncias adversas.

A integridade de José em tudo mostra que o mesmo não permitia que, em sua vida, o egoísmo e o orgulho prevalecessem. Mesmo podendo sentir-se orgulhoso por alcançar tão grandes honras, sabia que nada teria sem que Deus o permitisse. Na vida de muitos cristãos, o orgulho se manifesta mediante uma exaltação do ego, de modo que pensam que, por terem talentos, ou riquezas, ou inteligência maior que os demais, podem sentir-se superiores aos seus semelhantes.

O orgulho foi a causa da queda de Lúcifer (Ez 28:15-17) que passou a confiar mais em suas virtudes que no Criador. Esse mesmo orgulho tem se manifestado em muitos líderes religiosos, por quererem ostentar uma vida de paixão egoísta pelo viver superior aos outros, mantendo olhar altivo, almejando posições sociais e buscando o louvor a si próprio e a autoridade sobre os demais, sem se importar que, perante Deus, isso não tem nenhum valor. O tropeço nessa área da vida impede que o cristão viva uma vida íntegra diante de Deus, pois se regozija de si mesmo, e não compreende que, se possui talentos, honras e sucesso, é porque a graça de Deus opera em sua vida (I Co 15:10).

3.4 Incorruptibilidade

Um fator importante na vida de José, como líder político e gestor da riqueza de Faraó, é que ele se manteve incorruptível mesmo tendo tudo em suas mãos e, obviamente, a oportunidade de usufruir egoisticamente de seus privilégios, ou abusar do poder que lhe foi confiado.

Como gestor e administrador dos bens de Faraó, não pensou em enriquecimento próprio, ou em buscar para si os melhores privilégios, mas entendeu que, servindo a Deus, deveria também servir o seu próximo da melhor maneira possível. Em tempos de bonança, seguindo a orientação dada por Deus através do sonho de Faraó, ajuntou e guardou todo o mantimento do campo. Para isso, foi necessário ter ao seu comando pessoas das mais diversas profissões, foi necessário construir grandes celeiros, silos, e planejar o cuidado das sementes e o controle de pragas, mantendo a qualidade do produto. No tempo de distribuir o mantimento, soube agir com justiça, sabedoria e discernimento, sem prejudicar a ninguém, mas buscou o benefício da nação em primeiro lugar.

Por isso mesmo, a Bíblia não relata José se aproveitando dos valores a ele confiados ou passando por estresse ou desânimo enquanto administrava as

necessidades do Egito, pois aprendera que em tudo dependia de Deus e que Ele estava ao seu lado. Bem diferente de muitos líderes religiosos atuais, que ao se verem em funções que exigem muito de si, logo desanimam; ou pior, abusam do poder a eles designado.

É preocupante o que ocorre com a liderança de algumas igrejas. A busca egoísta e obsessiva pelo crescimento da igreja, pelo sucesso e realização pessoal, tem prejudicado a pregação do Evangelho e o relacionamento dos líderes com suas famílias e com a comunidade. Em especial a pregação do evangelho da prosperidade tem trazido uma verdadeira obsessão pela riqueza, opulência e prazer, afastando muitos da santa doutrina. Kemp (1996, p. 64), refletindo sobre o assunto, afirma: “os pregadores da prosperidade estão convencendo seus ouvintes de que eles têm direito adquirido sobre a riqueza, portanto, só basta reivindicar e apropriar-se dessa promessa já conquistada”.

Com isso, fala-se de sucesso, felicidade, riqueza, saúde, como se fossem inerentes ao verdadeiro cristão, o que não tem qualquer base bíblica, haja vista que os exemplos da Bíblia e da história mostram experiências de homens e mulheres que sofreram e sofrem pelo nome de Jesus, comprometendo suas vidas em prol do Evangelho. Ainda alerta Kemp (1996, p. 64) a respeito da teologia da prosperidade: “se aceitássemos esse conceito como alguns têm feito hoje em dia, teríamos que concordar que espiritualidade significa cura, riqueza, família saudável, felicidade circunstancial”.

A verdade bíblica é que Deus jamais prometeu sucesso, saúde ou riqueza aos que O seguem, mas sim, que assim como Ele venceu, nós também poderíamos vencer (Jo 16:33).

Nosso Pai nunca prometeu riquezas, segurança, saúde, etc, incondicionais. Ele promete paz na tribulação, alegria na provação, poder para enfrentar o inimigo das nossas almas e Sua presença ao nosso lado quando, porventura, nos depararmos com alguma tragédia. Ele nos oferece todos os recursos necessários para fazer frente a qualquer eventualidade, quer pequena, quer grande. Ele não afirma que nos dará riquezas, muita saúde, mas sabedoria, força para destruir a amargura e disposição para embelezar nosso caráter. Finalmente, Ele diz que participaremos com Ele na execução do plano mais belo e significativo do Universo. (KEMP, 1996, p. 70).

A crença de que o cristão deve e precisa enriquecer conduz as pessoas a servirem a Deus não por amor ou temor, mas unicamente pelo que podem conseguir de Deus. As pessoas não creem no Evangelho, mas nos seus

benefícios. Dessa forma, servem a Deus quando e enquanto as circunstâncias lhes são favoráveis, para poderem desfrutar das bênçãos que podem alcançar, e, diante das dificuldades e angústias da vida, facilmente deixam suas igrejas, buscando outras que possam oferecer a solução para seus problemas mundanos. Se, porventura, tivessem que enfrentar a cova, a perda de seus familiares, tornando-se escravos em uma terra estranha, certamente abandonariam a Deus e, conseqüentemente, fracassariam em todas as áreas da vida, porque buscam o imediato e não a promessa da redenção.

Por isso, o apóstolo Paulo exorta em I Timóteo 6:9-11: “Mas os que querem ser ricos caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão”.

Os pastores e líderes religiosos precisam, sim, lidar com aspectos materiais, mas não podem olvidar que são ganhadores de almas por excelência. Embora as riquezas pertençam a Deus (Ag 2:8; I Co 29:11-12) e Ele dê a quem queira, é um perigo achar que o dinheiro e o poder são essenciais para a vida do cristão, sem considerar a busca do Reino de Deus em primeiro lugar. Aos que dão demasiada importância ao dinheiro, Kessler (1988, p. 48) aconselha: “Melhor seria que renunciassem ao ministério e se dedicassem à vida comercial, já que para isso se sentem atraídos. Assim, talvez sejam mais úteis à obra de Deus, contribuindo com os dízimos e prestando outros serviços que não os do pastorado”.

Não apenas o amor pelo dinheiro, pelo enriquecimento, mas também pelo poder, deturpam o caráter do cristão. Casos de líderes que se deixaram levar pelo poder, pela imoralidade, seduzidos pelo poder e pela fama, são expostos na mídia, causando despreço para com a obra de Deus. As tentações inerentes ao poder podem levar o líder a se tornar egoísta, egocêntrico, imoral, e são muitos os obreiros que caem no pecado da corrupção, escandalizando o Evangelho e desonrando o nome de Jesus com uma conduta que não se espera de alguém que se diz homem de Deus. A ambição pelo poder e riqueza afastam o coração e a mente das coisas de Deus e, nessa cilada do inimigo, “homens excelentes, homens

brilhantes, e até piedosos, foram corrompidos pelo engano do poder e da posição”, porque deixaram-se influenciar pelas coisas do mundo (EXLEY, 2003, p. 55).

Richard Foster descreve o perigo da corrupção nas igrejas da seguinte forma:

O poder pode ser uma força sumamente destrutiva em qualquer contexto, mas, a serviço da religião, é simplesmente diabólico. O poder religioso pode destruir de uma forma como nenhum outro pode fazê-lo. [...] Os que são lei para si mesmos e, ao mesmo tempo, adotam um manto de piedade, são particularmente corruptíveis. Quando estamos convencidos de que o que estamos fazendo é equivalente ao reino de Deus, qualquer pessoa que se oponha a nós deve sempre estar equivocada. Quando estamos convencidos de que sempre usamos nosso poder para fins bons, cremos que nunca podemos nos equivocar. Mas quando essa mentalidade se apossa de nós, estamos tomando o poder de Deus e usando-o para nossos próprios fins. Quando o orgulho se mescla com o poder, o resultado é explosivo. O orgulho nos faz pensar que estamos certos, e o poder nos concede a oportunidade de forçar os demais a que aceitem nosso conceito de justiça. O casamento entre o orgulho e o poder nos leva à beira do demoníaco. (FOSTER, 1985, p. 178; 189).

Nessa perspectiva, o líder cristão precisa manter sua ambição e paixão pelo poder sob o controle da razão, examinando se está em acordo com a vontade de Deus. O conselho do apóstolo Pedro nesse sentido é de grande importância: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores do que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos de rebanho” (1 Pe 5:2,3).

Para Kessler (1988, p. 49), “a humildade é um qualificativo daquele que conseguiu galgar as escadas do sucesso”. Infelizmente, não é humildade que prevalece em muitos círculos, em especial quando se trata de ambição e busca pelo poder e riqueza. Na área da política isso é particularmente visível.

O termo Política vem do grego *politiké*, que designa “o que é público”, e significa a arte ou ciência de governar (MICHAELIS, 2020). Política é a ciência de governança de um Estado ou Nação, mas também é reconhecida como a arte de negociação para compatibilizar interesses. O sistema político representa uma forma de governo (Monarquia, República) adotada para realizar as políticas governamentais. Visa a organização da sociedade em busca do bem comum. Nessa perspectiva, todos os cidadãos, incluindo especialmente os cristãos, são participantes da Política, realizando ou não atividades ligadas diretamente ao poder constituído.

Há, porém, a política partidária, formada a partir da união de pessoas para constituir um determinado partido e trabalhar em favor de determinadas políticas (sociais, econômicas, etc.), como candidato a um cargo público ou apenas como filiado do partido. Muitos que entram nessa espécie de política acabam se deixando vencer pela ambição e praticam a politicagem, que é a política individualista, interesseira, que visa ao benefício da própria pessoa ou de um grupo de pessoas, e não da sociedade em geral.

A política partidária, tal como se apresenta atualmente, tem se mostrado um antro de corrupção, daí a polêmica entre os cristãos, se devem ou não participar da política. A postura bíblica em relação à política e ao governo mostra que o cristão pode participar da política, mas apresenta algumas restrições a essa participação. Entre os exemplos de homens tementes a Deus que participaram dos seus sistemas de governo, exercendo cargos públicos, estão José, Daniel e seus amigos, entre outros. Daniel 2:21 afirma que é Deus quem estabelece ou remove os governantes e no capítulo 4:17 afirma que Deus domina sobre os reinos dos homens, dando-o a quem ele quer. O apóstolo Pedro pede sujeição dos cristãos às autoridades constituídas, com temor a Deus e respeito aos governantes (I Pd 2:13-17). Podemos entender que a política é um meio que Deus usa para realizar a Sua vontade, quando os Seus servos fiéis se submetem à Sua vontade. José é o maior exemplo disso.

Muitos políticos que assumem cargos nos governos podem aprender com José. Especialmente os políticos cristãos precisam aprender a viver conforme a ética de José. Dele aprendemos que as crises de nossa vida não formam nossa ética, apenas a revelam tal como já estava formada. Apesar de o ambiente político do Egito também oportunizar a corrupção, José realizou uma política ética e voltada aos interesses do governo e do povo, apresentando, dessa maneira, o verdadeiro caráter cristão que se requer hoje dos políticos. Em sua atividade política, empregou a igualdade de direito e proporcionou ao povo melhor qualidade de vida diante do infortúnio que se apossou da terra. Dessa maneira, sem desonestidade ou abuso do poder, mostrou um caráter político firme e ético na gestão político-administrativa dos bens e recursos públicos, sendo um exemplo a todos que desejam obter êxito e sucesso em sua área.

No caráter de José percebe-se uma vida ética e íntegra podendo-se afirmar que José foi o precursor da ética cristã, e seu viver ético é exemplo para os cristãos modernos.

Convém explicar que, enquanto a ética, em si, representa o costume ou conjunto de atos que a comunidade ou a pessoa realizam por considerarem válidos, a ética cristã refere-se aos costumes ou atos praticados pelos cristãos.

A Ética Cristã não exclui a razão, mas aplica-se à obediência a Cristo. Na sua essência é normativa, enquanto a Ética secular é descritiva. A Ética Cristã é também ensino, mandamento, diretriz, enquanto os costumes são variáveis e flexíveis. Os Dez Mandamentos constituem o primeiro tratado de ética dado pelo Senhor com o propósito de regular o comportamento humano no cumprimento dos seus deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo próprio. A Ética Cristã é normativa porque se baseia em normas estabelecidas pelo Criador. (SANTOS, 2015, p. 2).

A ética cristã está fundamentada em Deus, do qual se origina a conduta humana moral e ética, e pode ser definida como o

[...] conjunto de princípios fundamentados nas Sagradas Escrituras, principalmente nos ensinamentos de Cristo e de seus Apóstolos, cujo objetivo é orientar a conduta do cristão. A ética cristã, portanto, não é mera ciência de costumes. Ela vai além, pois se preocupa também em distinguir o bem e o mal conforme revelados nas Sagradas Escrituras. (CHAMPLIN, 2011, p. 586).

Segundo Fábio (1977), José apresenta algumas marcas que o ser humano abençoado por Deus possui:

a) visão do futuro: José sabia que Deus tinha algo melhor para ele e colocava sua confiança nessa esperança, na promessa que Deus havia feito a Abraão, de que seu povo não iria permanecer no Egito (Gn 50:25);

b) caráter: José não usava desculpas para pecar, mesmo diante da possibilidade de perder o emprego, os amigos, ou diante da pressão e da tentação, ele não justificava o pecado, colocando a obediência à lei de Deus em primeiro lugar (Gn 39:7-20);

c) simpatia: por onde passava, José irradiava simpatia, alcançado sobre si a graça de todos (Gn 39:21);

d) oportunismo oportuno: ao interpretar o sonho do copeiro de Faraó, aproveitou a oportunidade para pedir que ele se lembrasse dele junto ao rei, com sabedoria (Gn 40:14);

e) positividade: ao interpretar o sonho a Faraó, revelou o período de seca e de fome como um fator positivo, propondo soluções. Não usou de pessimismo, pois sabia que Deus proveria meios para administrar a situação (Gn 41:25-37);

f) coragem: não teve medo de comparecer diante de Faraó, interpretar o sonho e propor soluções. Ao ser designado como governador, aceitou o desafio sem titubear (Gn 41: 39-40);

g) perdão: quando se reencontrou com seus irmãos, não se vingou, mas os perdoou, esquecendo o passado e trazendo a paz à família, pois já havia compreendido que Deus havia intervindo em sua vida para salvação de todos os demais (Gn 45:4-8; 50:19-21);

e) esperança na justiça divina: ao invés de guardar rancor, murmurar e se revoltar contra a família, seus captores, e contra Deus, José entendeu que Deus tinha um plano maior em sua vida e que a justiça divina enfim triunfaria (Gn 45:8; 50:24).

Qualquer que seja a situação apresentada a José, como filho, como escravo, como mordomo, como prisioneiro, como homem de Deus, como administrador e político, ele se mostrou honesto, íntegro e incólume, mantendo sua postura ética perante Deus e perante os homens. Foi, por isso, considerado o tipo de Cristo, ou seja, mostrou em sua vida o mesmo caráter exigido de um verdadeiro filho de Deus, demonstrando, em sua época, que o Salvador requer homens de fé, cuja integridade não se deixe abalar, para assumirem posições importantes no Reino de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de integridade de José é um exemplo a ser seguido por todos os cristãos modernos. Seu exemplo nos mostra que a ética, firmada na fé firme e obediente aos desígnios de Deus na nossa vida, é o melhor caminho a percorrer em qualquer situação. A ética de José não era situacional, dirigida pelas circunstâncias, mas fundamentada no temor do Senhor, e, conseqüentemente, suas ações revelaram um homem íntegro, sábio, capaz de vencer todos os obstáculos e obter o sucesso, mantendo-se incorruptível, como convém ao servo de Deus.

José não se inclinou para as coisas da carne, mas para as coisas do Espírito, por isso, alcançou vida e paz para si e para todos ao seu redor, tornando-se o salvador de sua gente. Essa ética baseada no Evangelho, na boa vontade de Deus, tem como norma a perfeição da mente e da obediência à vontade de Deus e forma um caráter cujos atributos são harmoniosos e perfeitos. Todo aquele que se coloca nas mãos de Deus para agir em conformidade com Sua vontade poderá formar um caráter íntegro e ético, fortalecendo sua fé Naquele que é, antes de tudo, o detentor do poder e do sucesso na vida de seus servos.

Em todas as situações, José se mostrou fiel pois entendeu que Deus tinha um propósito para sua vida. Para Deus, importa o cumprimento de Seus propósitos na vida do cristão e a igreja, hoje, precisa também compreender os propósitos de Deus, buscando meios de cumprir os interesses e planos divinos. Deus requer de todos os cristãos, mas especialmente daqueles que ocupam posições de liderança e exercem o poder sobre as pessoas, que fortaleçam seu caráter sobre uma ética que considere antes o honrar a Deus e cuidar do próximo.

Mesmo hoje, é possível viver eticamente, pela graça de Deus, suportando fielmente as dificuldades, os sofrimentos, e colocando a ambição e a busca pelo poder que emanam dos benefícios financeiros e do sucesso debaixo da cruz de Cristo. O relacionamento de José com o sucesso, a fama, a riqueza e o status político, oferece muitas lições que podem auxiliar o cristão de hoje, em especial os líderes que atuam em diferentes funções, a aprender a viver uma vida ética e íntegra perante Deus e a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria L. A.; MARTINS, Maria H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

BARSA PLANETA INTERNACIONAL (Ed.) *et al.* Ética. **Enciclopédia Barsa Universal**. Rio de Janeiro: Editorial Planeta, 2007.

CAESAR, Lael. Sofrendo com Jó: revendo nossas respostas para o dilema da dor. **Adventist World**, nov. 2014.

CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. v. 2. São Paulo: Hagnos, 2011.

DICIONÁRIO MICHAELIS. **Política**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

EXLEY, Richard. **Perigos que rondam o ministério**. Artur Nogueira-SP: União Central Brasileira, 2003.

FÁBIO, Caio. **70 Esboços de A a Z: personagens bíblicos**. Rio de Janeiro: MZ Produções, 1977.

FOSTER, Richard J. **Dinheiro, sexo e poder**. San Francisco: Harper and Row, 1985.

KEMP, Jaime. **Pastores ainda em perigo**. São Paulo: Sepal, 1996.

OKKESSLER, Nemuel. **Ética pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

PANICIO JUNIOR, Ivan Tadeu. O desafio de conceituar ética cristã. **Teologia e Espiritualidade**, a. 3, p. 35-55, dez. 2013.

SANTOS, Juberto. **A moral e a ética cristã**. Publicado em: 2015. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/28.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

TISS, Frank. O conto de José, filho de Jacó: realizando a vontade de Deus para além das fronteiras. **Estudos Teológicos**, v. 42, n. 3, p. 80-89, 2002.